

# Os dois lados do Estreito

Loin de constituer une barrière, le Déroit de Gibraltar a été, au long de siècles, scène de flux culturels, économiques et humains richissimes. En partant d'une connaissance détaillée de la culture matérielle du Gharb al-Andalus, Cláudio Torres révèle, à travers d'une analyse multidisciplinaire et transversale, la richesse et l'intensité du dialogue historique entre les côtes séparées par le Déroit.



O extremo ocidental do al-Andalus, apertado entre umas serras ásperas e um mar de muito peixe e largo comércio, não pode ser dissociado das costas fronteiras africanas. Desde a pré-História, passando pela Tingitânia romana e visigótica, até ao califado cordovês, os dois Algarves sempre estiveram ligados entre si. Dos dois lados do Estreito, de Sagres a Salé, ao longo das praias e portos deste vasto golfo abrigado da nortada, não só a civilização parece ter sido sempre a mesma, como as formas mais antigas de falar e usar os dialectos berberes podem ter tido uma origem comum. Desses tempos anteriores à romanização, além do constante e nunca interrompido intercâmbio nas fainas da pesca, outras analogias parece ter havido no povoamento tradicio-

nal das zonas montanhosas do Sul peninsular e do Rif norte-africano. Entre outras facetas semelhantes da casa de habitação rural destacam-se, além de uma mesma repartição funcional, uma série de pormenores decorativos e de técnicas construtivas só aceitáveis no quadro de antiga e nunca interrompida simbiose cultural. São sugestivos também os paralelos tanto na morfologia decorativa ou prática funcional da cerâmica, como no entrançado e cadência geométrica da cestaria, da empreita e da tecelagem tradicionais.

Estas zonas serranas, desviadas das grandes rotas urbanas e portanto sempre mais conservadoras, conseguiram assegurar expressivos elementos de continuidade, resistindo à gradual aculturação veiculada primeiro pela romanização e depois pela islamização.

Ao contrário, as férteis planícies da costa com as suas cidades, pontos

de convergência das vias comerciais, abrem-se a todas as influências e pressões inovadoras. Os centros urbanos das antigas Bética, Lusitânia e Tingitânia, abandonadas as ruínas cenográficas do Império e integrando-se naturalmente nesta rede de cumplicidades mercantis, são os primeiros a ser islamizados, tornando estas faixas litorais numa prestigiada matriz da civilização muçulmana do Ocidente.

As actuais cidades portuárias de Ceuta ou Tânger começam a desenvolver-se por influxo directo do al-Andalus, que em toda a região e a partir do prestígio cordovês, se afirmara incontestavelmente como centro polarizador. Atravessar o golfo do Algarve, ou o mar de Alboran, ligando Faro e Arzila, ou Almeria a Argel, passa a ser bem mais fácil e rápido do que viajar, por exemplo, para lá do Cabo de São Vicente, onde sopram os ventos adversos de Noroeste.

Em finais do Mundo Antigo a endémica falta de madeira que se fazia sentir em todo o Mediterrâneo oriental levou os construtores navais a virar-se para as encostas do Rif e para as serras de Silves onde as brisas húmidas do Atlântico alimentavam bosques de cedros e castanheiros. E de facto na serra de Monchique ainda hoje se notam pequenas manchas de castanheiros e alguns troncos carcomidos de carvalhos seculares, que apenas são os destroços de uma floresta que alimentou durante séculos os estaleiros de Silves e mais tarde as primeiras aventuras da expansão quinzentista.

Por todas as razões, esta ponta extrema do Gharb foi sempre bem povoada tanto na faixa litoral onde a sua concentração urbana dependia das épocas de maior ou menor estabilidade das rotas marítimas, como nos vales abrigados e generosos do interior. Nestes territórios do sol poente parece ser profunda, e antiga e permanente, a ligação destas comunidades a outros portos e gentes.

São disso exemplo os povoados fortificados de Aljezur e Alferce. Se o primeiro sempre teve uma ligação ao mar, não foi certamente este o facto que justificou a sua implantação naquele local. A boca da barra, aberta às vagas do oceano, mesmo imaginando-a sem o assoreamento actual, seria já em finais do mundo antigo praticamente intransponível. Aljezur seria nesses tempos - séculos XI e XII - uma quase ilha, como o seu nome árabe indica, rodeada por uma lagoa marítima, certamente rica em peixe e marisco. Terras fertilíssimas, de águas correntes, justificaram a existência deste povoado de camponeses e pescadores que possuíam um recinto fortificado no cume do cerro que, além de servir naturalmente

de refúgio em caso de ataque, teria também a provável função de celeiro e armazém colectivo.

Alferce é uma fortaleza tipologicamente diferente, embora de funções aparentemente semelhantes. Terá sido um aldeamento de camponeses e pastores que controlava as pastagens da serra para onde se deslocavam no verão alguns rebanhos transumantes. Dada a proximidade de Silves, não é de excluir que uma das suas actividades económicas estivesse relacionada com o abastecimento em carne e lã da grande cidade e do seu porto.

Toda a parte do Ocidente algarvio tem um povoamento muito antigo e bem estruturado que se estende por todo o território, desde comerciantes e artesãos fixados nas cidades do litoral, camponeses-hortelãos que amanhã os pomares e jardins peri-urbanos, até fortes comunidades fixadas nos vales e vertentes do interior, nas pastagens que já tinham alimentado o gado dos seus antepassados. Embora nem todos os habitantes fossem muçulmanos, visto haver na zona uma antiga tradição moçárabe ligada aos cen-

tros de peregrinação da Senhora da Rocha e do mosteiro de S. Vicente, não há dúvida que, aquando da submissão aos cavaleiros da Ordem de Santiago, em meados do século XIII, todos falavam o árabe que nesses tempos era a língua franca de todos os negócios. Em análise recente do dialecto falado no Barlavento algarvio, foi notada uma vocalização gutural do "a", que poderá ser atribuída a um arcaísmo relacionado com a língua árabe. Este fenómeno dialectal único no país, ao ter sido também assinalado no interior da serra, não é por conseguinte atribuível a contactos mais recentes com pescadores magrebinos (Amália Andrade, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - informação pessoal). Este facto linguístico é mais um argumento a favor das suspeitas de que os acordos de rendição do século XIII autorizaram uma permanência massiva dos vencidos.

Se depois da "Reconquista", em todo o Barlavento, os povoados comunitários da serra continuam a fornecer os açougues do litoral, os camponeses e fruticultores a produzir os figos





e passas da exportação, os artesãos e pescadores a abastecer os mercados urbanos, porque não admitir que os barotes de castanho não param de chegar aos estaleiros e que as “fustas” e naus prosseguiram as suas fainas de pesca, de corso e de comércio?

Se assim foi, somos levados a supor que nos portos de Silves, Lagos e Sagres deve ter permanecido a melhor e mais avançada elite do seu tempo de carpinteiros, calafates e navegadores. Desde o século XI que, de geração em geração, os pescadores deste grande golfo onde desemboca o Mediterrâneo foram aprendendo a dominar os ventos adversos e as quebras traiçoeiras do Mar Tenebroso. Além dos contactos nunca interrompidos entre Málaga e Tânger, Sagres e Génova ou Tavira e Salé, já em inícios do século XIV veleiros rápidos começam a levar para as águas frias dos mares do Norte, o sal, o vinho e os frutos secos. Nos portos cosmopolitas do Barlavento, onde a espera de ventos de feição para dobrar o Cabo de São Vicente reunia as mais desvairadas gentes, estava a ser feita por essa altura a síntese tecnológica das tradições

navais mediterrânicas e biscaínhas que em breve iria permitir novas e mais arrojadas aventuras.

A Serra Algarvia, apesar de implantada entre as zonas mais romanizadas e muito perto de antigos e importantes centros urbanos do Mediterrâneo, não há dúvida que apresenta evidentes traços de arcaísmo nos espaços habitacionais, técnicas construtivas e hábitos culturais. O Algarve litoral, entretecido de apertadas vias terrestres e marítimas, forma um corpo autónomo com uma única ligação para norte: o rio Guadiana até Mértola. A este importante porto interior convergiam as calçadas de Beja e dos seus férteis barros, a via mineira de Aljustrel por Castro Verde e finalmente da margem esquerda uma outra ligação a Serpa e Aroche, passando pelas minas de S. Domingos. Enquanto nos portos e cidades da costa algarvia e na grande avenida fluvial do Guadiana circulavam exércitos, mercadores e produtos vindos de longas paragens, sobrepondo-se culturas nos complicados processos da romanização e depois, da islamização – nos agrestes barrancos da Serra persistem ilhotas de uma velha civilização agro-pastoril.

Submetendo-se ao ritmo dos ciclos anuais, pisando os trilhos poeirentos das longas canadas paralelas e certamente anteriores à Via da Prata, os pastores e os seus clãs familiares organizaram ao longo de milénios todo um vocabulário ornamental ligado à sua actividade. As incisões na madeira feitas à faca, desenhando complexos encadeados de losangos, estão talvez entre as mais antigas técnicas decorativas, cuja origem se perde no mesmo longínquo passado de onde vieram a roca e o cossoiro que decoram. O mesmo sistema decorativo vai aplicar-se na tecelagem, com natural adaptação ao novo suporte, difundindo-se nas áreas tocadas pela veiculação transumante dos rebanhos, como é o caso da Beira Baixa, Serra de S. Mamede, Mértola – Castro Verde. As colchas de «carapulo» (repuxado) mantêm nestas zonas um certo ar de família, assim como alguns dos motivos principais das mantas de “riscas” e das “graves”.

Além destes pontos de contacto encontramos inesperadas ligações com os princípios decorativos que regem algumas sociedades de camponeses e pastores berberes do Norte de África, tanto na sua decoração arquitectónica, como sobretudo nos seus trabalhos de tecelagem, madeira e barro.

Sente-se o mesmo ritmo decorativo nos entrançados da lã e nos traços de pincel que decoram a cerâmica, onde a «espiga com silva» e o losango balbuciam a mesma linguagem. Linguagem cujo vocabulário se perde no passado, tanto quanto a própria actividade que lhe deu forma. São os mesmos motivos, a mesma estrutura organizada em registos que envolvem o bojo de

grandes talhas vidradas para armazenar alimentos.

Quanto às mantas tradicionais da Serra Algarvia, podemos considerar a existência de dois sistemas decorativos, eles próprios ligados a duas espécies com funções diferentes. A manta de riscas naturalmente mais antiga, e popular, utilizada como abrigo de viagem e objecto de trabalho; e a manta grave, principalmente na sua variante mais conhecida por “montanhac”, com funções mais decorativas e maior valoração social que lhe confere honras de altar nas belas iluminuras de Afonso X de meados do século XIII.

Tanto um género como outro entroncam, como vimos, em tradições semelhantes das serras norte-africanas, fazendo certamente parte de um mesmo e coerente conjunto morfológico. Contemporânea, temos uma outra linguagem decorativa que se filia nas mais longínquas volutas, curvas e contra-curvas, gregas e espirais, gavinhas e eras, difundidas em todo o Mediterrâneo alexandrino e depois romano que, num processo imparável de geometrização, cobriu o tardo-romano de círculos tangentes, secantes ou inscritos, num emaranhado de restes vegetalistas que tiveram o seu último momento no zoo e fito-morfismo da arte cordovesa dos séculos IX e X. Neste sábio e racional entrelaçar da decoração palatina de Medina Azara, vemos ainda a grande escola dos centros urbanos orientais do Mediterrâneo.

Podemos concluir na existência de uma provável ligação entre uma certa geometria decorativa com a sua técnica específica e os caminhos e áreas da pastorícia, que se destacam por uma extraordinária e teimosa manutenção de formas.



Haverá também antigos laços culturais da serra Algarvia com o Rif e seus contrafortes montanhosos. Além dos motivos ornamentais assinalados, encontramos restos linguísticos pouco estudados, estruturas arquitectónicas como as casas da serra Algarvia de uma só água, já notadas por vários autores peninsulares e entre eles, o geógrafo Orlando Ribeiro, que exprimiram o sentimento de um património de civilização comum aos dois lados do Estreito de Gibraltar. São laços que consideramos bem mais antigos que possíveis interferências provocadas pelas mitizadas invasões do século VIII, não sendo de admitir, como este autor defendeu, que estes e outros elementos comuns sejam apenas o resultado da «colonização de Berberes montanhosos».

Pensamos haver um fundo comum às duas margens do Estreito, que beneficiou de uma activação máxima no século XII com a entrada de tropas berberes sob os pendões

almorávidas e almóadas. Porém não é de considerar muito significativas estas novas influências, visto ter sido certamente insignificante a fixação de soldados em zonas inóspitas e já muito povoadas da serra. A sua colocação em pontos estratégicos e o desejo normal de sedentarização urbana eram bem melhor atractivo. Aliás, é durante os últimos dois séculos de civilização islâmica no sul de Portugal que se faz sentir uma forte influência das técnicas construtivas militares. De época almóada datam importantes amuralhamentos urbanos em taipa militar como Alcácer do Sal, Silves e Paderne e alguns elementos técnicos inovadores como as portas em engra ou cotovelo. ■

CLÁUDIO TORRES,  
Arqueólogo